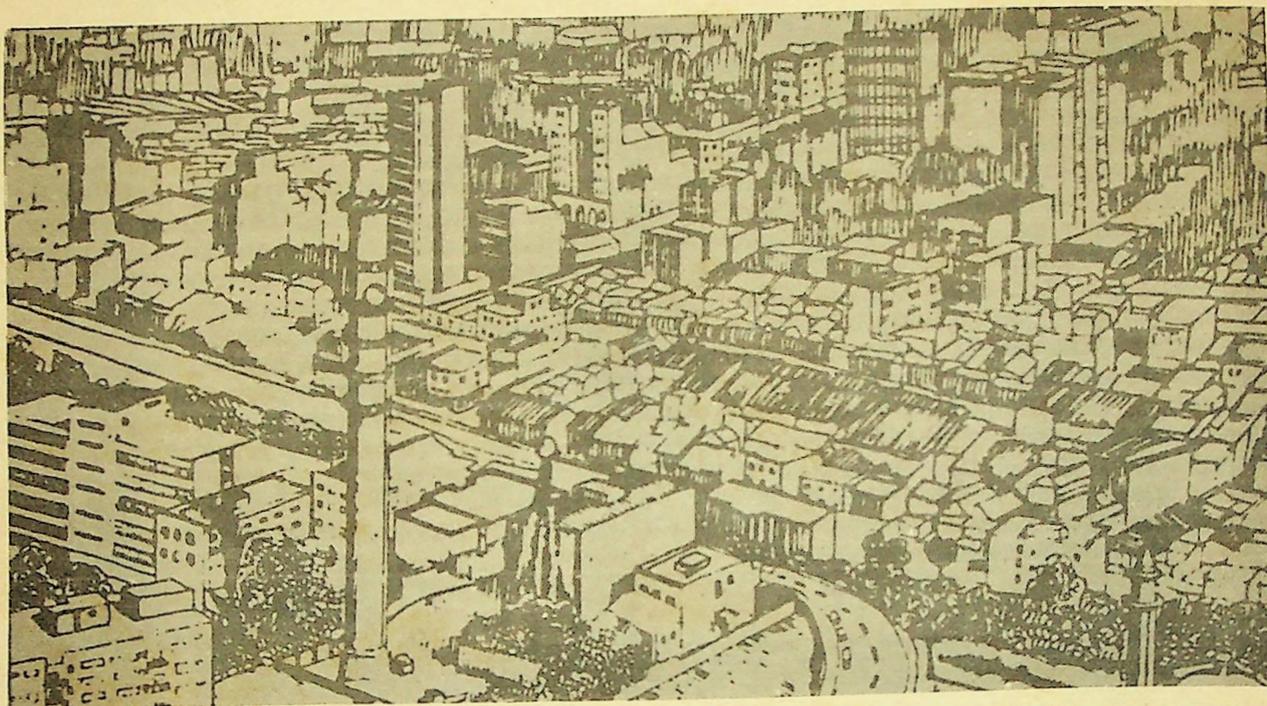


ESTADO DE  MATO GROSSO

DIÁRIO OFICIAL

GOVERNO CARLOS BEZERRA **SUPLEMENTO MENSAL** ABRIL 1988 Nº 13

IOMAT/UFMT — NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL - NDIHR



SUMARIO

O nome Cuiabá corresponde a Pantanal Mato-grossense.

Por Pedro Rocha Jucá, página 3

Padre Luiz Ghisoni.

Por Antonio de Arruda, página 2

Padre Luiz Ghisoni

Antônio de Arruda

Quando nos mudamos para o Porto, em 1949, já man tínhamos amizade com o Padre Luiz Ghisoni, um italiano que se cuiabianizou. Pároco da Igreja de São Gonçalo, ha via já alguns anos, foi ele quem batizou nossos quatro filhos. Embora morássemos na Cidade, Lélia, minha esposa, e eu preferimos realizar esses atos na Igreja do bairro a que estávamos muito afeiçoados, eu por ter passado ali a minha infância, ela, porque nele residiam parentes seus. Após nossa mudança, essa amizade consolidou-se. De vez em quando, Padre Luiz nos visitava, amistosamente. Chegou até a alimentar a idéia de que o meu filho Heraldo pudesse ingressar na carreira eclesiástica e o estimu lava a isso. "Será um novo D. Aquino", dizia, cheio de entusiasmo. Mas o Heraldo não se entusiasmava com a idéi a, que não prosperou.

Extremamente dedicado às suas funções, o Padre Luis era meticoloso nas cerimônias do culto. Procurava esmerar-se nos sermões, embora alguns frequentadores da Igreja os achassem um tanto ou quanto longos ... Nos batizados, costumava explicar o sentido das expressões la tinas empregadas no ritual. Numa dessas ocasiões, disse-me ele que, se fosse Papa, tornaria obrigatório o uso da língua de cada país ao invés do latim, não só na missa como nos outros atos litúrgicos. São palavras tão bonitas, acrescentou, que ficam praticamente perdidas porque poucas pessoas as entendem. Assim, o Padre Luiz antecipou de alguns anos a conveniência da decisão que o Papa João XXIII tomou. Iniciativa tão sensata que, segundo me informou o Prof. Arnaldo Niskier, foi adotada pelo Judaísmo, nas sinagogas.

As vezes, o Padre Luiz relembrava fatos referen tes à sua infância e juventude na Itália, e ao seu pai. Deste contou a atitude pragmática que tomara ao tornar-se católico praticante. Se existe um céu para os justos, dizia o velho, a religião não ensinará o caminho para al cançá-lo. Se não existe, não tenho nada a perder, ao se quir os ensinamentos da Igreja ...

Em outra oportunidade, falou-me o Padre Luiz da parte mais penosa de seu ofício, ou seja a confissão au ricular. Não é fácil, dizia ele, ouvir com paciência certas pessoas prolixas que se perdem em detalhes intermináveis, ou outras, preocupadas com a salvação da alma, que levam ao sacerdote inúmeras dúvidas e questões de consciência. Contei-lhe então que nós, que labutamos na vida forense, enfrentamos problema semelhante: a inquirição de testemunhas. É realmente grande o suplício de juizes, pro motores e advogados, durante manhãs e tardes inteiras, confinados em salas abafadas, ouvindo o relato de pessoas sem nenhum poder de síntese, sobretudo quando os depoimentos eram registrados a mão por velhos escreventes de pouca vista ... Hoje, a situação melhorou no foro com a generalização do uso da máquina de escrever, enquanto a confissão auricular se acha praticamente abolida nas igrejas. Talvez o Papa tenha atendido as queixas de outros párocos que, como o Padre Luiz, sofriam com essa prática, na solidão do confessionalário.

Mas, apesar do relacionamento amistoso que man tínhamos, havia um fator desagregante entre mim e o Padre Luiz: a Maçonaria. Sabendo-me maçom, seu zelo apostólico o levava a tentar "converter-me". Certamente, o meu amigo partilhava do preconceito que dominava o clero da quele tempo contra os maçons. Para a Igreja Católica, os maçons eram ateus, ignorando talvez que o ateu não tem entrada na Maçonaria. No fundo, tratava-se da velha intolerância que vinha desde a Contra-Reforma, dirigida a

princípio contra os protestantes, mas que passou a abraçar os iluministas, liberais e outros grupos que não rendiam obediência estrita aos dogmas papais.

Ocorreu que, em face de manifestações anti-maçônicas por parte de alguns prelados e freiras, resolvi tanbém usar de rebeldia, por omissão. Assim, deixei de frequentar a Igreja e, naqueles anos, não matriculei nenhum de meus filhos em colégios religiosos. Minha esposa, conquanto católica fervorosa, não se opunha a essa atitude.

Quem não se conformava com a situação era o Padre Luiz. Daí o seu esforço em recambiar-me para o seio da Igreja. Em uma de suas visitas a nossa casa, levou-me um livro que procurava mostrar os malefícios da Maçonaria. Agradeçi o presente, mas sem fazer comentário, nesse dia, nem posteriormente.

Em verdade, sem nenhuma coerência, meu inconformismo, que deveria limitar-se à Igreja, eu o estendia tanbém ao Padre Luiz, que era meu amigo e cumpria ordens, não tendo responsabilidade pela ojeriza contra os maçons, por parte dos dirigentes católicos.

Em outra visita, notando alguns livros de Voltaire em uma de minhas estantes, resmungou:

- Voltaire! Homem terrível!

- Não é tanto assim, observei.

Contei-lhe então um pequeno episódio. Certa vez, Voltaire passava em frente de uma igreja e tirou o chapéu, imitando o gesto de um amigo que o acompanhava. "Ué!, ironizou o amigo. Você passa por anticleral e fazendo barretada para a Igreja?". Bem, retrucou Voltaire, a Igreja e eu não nos damos, mas nos cumprimentamos ...".

O caso não explicava nada sobre a verdadeira posição de Voltaire perante a Igreja, mas Padre Luiz não replicou. Apenas, interpelou-me:

- O Sr. acredita em Cristo?

- Claro que sim. Pois, se acredito na existênci a de Sócrates, de Platão, que vieram alguns séculos antes de Cristo, porque duvidaria deste, que surgiu muito depois?

Evidentemente, a indagação se referia à divindade de Cristo e não à sua existência histórica. Mas o Padre Luiz não insistiu, talvez para evitar polêmica. Também, nunca ele se manifestou diretamente sobre o que, su

Conclui na página 16

Suplemento mensal

EXPEDIENTE

GOVERNO

Carlos Bezerra

SECRETÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO

Matalino Antunes de Souza

DIRETOR GERAL DA IOMAT

José Gabriel da Silva

DIAGRAMADORES

Celso Molina

Valdeci Bacani

IOMAT - Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso
Rua 13 de Junho nº 431 Fone: 321-4613

Este Suplemento Mensal é produzido pelo Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso, em convênio com a Imprensa Oficial do Estado.

Endereço para Correspondências e Contatos:
Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, NDIHR. Universidade Federal de Mato Grosso. Bloco do Centro de Ciências Agrárias. Sala 56. Fone: 261-2211 (Ramal 170).

O nome Cuiabá corresponde a Pantanal Mato-grossense

PEDRO ROCHA JUCA

Aqui está mais uma hipótese sobre a origem do nome Cuiabá. Como todas as hipóteses, ela não esgota o assunto, sempre deixando margem para novas pesquisas. Nesta, contudo, houve a preocupação de se encontrar dados praticamente irrefutáveis. O nome Cuiabá, de acordo com estes estudos, seria de origem tupi-guaraní, mais precisamente dos indígenas que dominavam a região mais meridional do Estado de Mato Grosso do Sul, conhecedores do Chaco e do Pantanal como expressões regionais. Como geralmente acontece com os topônimos, Cuiabá corresponde a uma descrição regional, por aglutinação. Com facilidade se chega a esta conclusão: Quã, Kuã, Cuã são variações fonéticas da identificação, em tupi-guaraní, de vale, enseada, planície; y corresponde a água; e avá ou abá a índio homem. Então, aglutinando-se Cuã - y - abá, teríamos Cuã y abá, Cuyabá, e, finalmente, Cuiabá. Cuiabá seria, portanto, Vale dos Índios das Águas, ou melhor, atualizando a expressão para a Geografia Regional hoje conhecida: Pantanal, ou ainda, aprimorando, Pantanal Mato-grossense.

A origem indígena da palavra Cuiabá é flagrante, mais do que evidente. Como nunca existiu nesta região qualquer tribo de índios Cuiabás ou Cuiabases, admitia-se a possibilidade da citada palavra vir do Bororo. Contudo, a verdade histórica começava a balançar de imediato. Os índios Bororos se auto-denominavam de "Bõe" e chamavam a região de Cuiabá de "Bororo", que corresponde a pátio, aldeia, local onde eles, os Bororos, como nós os chamamos, viviam. Neste caso, quais os índios que tinham mais acesso à região? A resposta é tranquila: os tupi-guaranis, mais exatamente os guaranis, os guaranis que se espalhavam pelos territórios do Paraguai e de Mato Grosso do Sul, índios perfeitamente identificados não só com o Rio Paraguai e os seus afluentes, mas com toda a parte meridional da América do Sul. Afinal, foram eles que conduziram a expedição do português Aleixo Garcia até o Peru, em busca da famosa "Sierra de La Plata". Aleixo Garcia cortou o continente sul-americano a partir de São Vicente, rumo ao Oeste, muito antes dos espanhóis, mas foi trucidado pelos próprios índios que o ajudaram na procura de grandes riquezas.

Assunção antecipou-se a São Paulo e foi o primeiro pólo de expansão geográfica na América do Sul. Se a partir do Século XVII os Mbayas (Os Guaicurús, principalmente) não tivessem impedido o avanço dos indígenas e dos jesuítas de Assunção rumo ao Norte, talvez fosse diferente a História desta parte do continente americano. A expansão mbaianica teve início em 1667, quando surgiu o índio cavaleiro no Pantanal Mato-grossense, e se transformou num verdadeiro domínio territorial entre os anos de 1720 e 1773, isolando Assunção. Isto possibilitou o avanço das bandeiras paulistas, mas os índios Paiaguás aqui chegaram para tudo fazer contra a presença paulista em Cuiabá.

A influência assuncencha, com ou sem a dominação mbaianica, já estava consolidada no Pantanal Mato-grossense, onde a sua escassa e espalhada população falava língua de origem tupi-guaraní, o mesmo acontecendo com os bandeirantes paulistas que aqui chegaram.

Por isto, dificilmente será superada a presente hipótese quanto à origem do nome Cuiabá, que nunca poderia ter vindo do Rio Cuiabá, cujo primeiro nome era Ibiraty (Ibira, madeira, e ty, líquida; isto é, madeira líquida,

pela quantidade de madeira que ia nas enxurradas, como até hoje acontece). Em tempo, Ibiraty é também de origem tupi-guaraní, o que vem reforçar ainda mais a presente hipótese.

A influência do Tupi-Guaraní na linguagem popular do Brasil é enorme, talvez de 50.000 a 100.000 contribuições. Aqui mesmo em Cuiabá fala-se ainda hoje saladero, chalana, chacra, pergunta, mano e assim por diante. O Rio Paraguai funcionou como elo de ligação cultural. Ele não era apenas aqui em Mato Grosso. Segundo os historiadores paulista, até o Século XVIII falava-se guaraní em casa, espanhol nas ruas e somente o português no trato oficial em São Paulo. Cuiabá é resultado das bandeiras paulistas do Século XVIII.

Vale destacar que os primeiros bandeirantes aqui chegaram em busca de índios coxiponês, ou aripoconês, e que os três primeiros arraiais se chamaram, por ordem cronológica, São Gonçalo, Forquilha e Bom Jesus (sem Cuiabá) nas proximidades da Igreja do Rosário, como desdobramento das Lavras do Sutil. Na carta que Pascoal Moreira Cabral mandou a Dom João IV, no dia 15 de julho de 1722, pedindo como compensação para as suas grandes perdas, a sua nomeação para capitão-mór e guarda-mór, ele se refere, como local do seu endereço as Minas do Cuxipó (com o mesmo), e não as "Minas do Cuiabá", que deveriam existir, pela ata por ele assinada, desde 8 de abril de 1719. Até o 8 de abril parece ter sido escolhido de propósito, para coincidir com a data de 8 de abril de 1711, quando a Vila de São Paulo foi elevada à categoria de cidade.

Somente no dia primeiro de janeiro de 1727, quando o Arraial do Senhor Bom Jesus foi elevada à categoria de Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá é que o nome Cuiabá aparece oficialmente pela primeira vez. Nem mesmo a primeira capela do Senhor Bom Jesus foi fundada com o acréscimo de Cuiabá. De todas as hipóteses que até agora surgiram, esta é a mais sólida. São argumentações e dados que correspondem à lógica, e que mais se aproximam da verdade histórica.

ORIGEM DA PALAVRA

A importância de Cuiabá cresce acentuadamente e na mesma proporção o interesse de cuiabanos e de não cuiabanos quanto à origem da palavra que nomeia a Capital mato-grossense. Este assunto sempre despertou grande interesse junto aos pesquisadores da História de Mato Grosso, mas nunca se chegou a uma definição final a respeito. É, sem sombra de dúvidas, um tema palpitante em todos os sentidos, a começar pela necessidade de se buscar uma verdade histórica que remonta há quase três séculos. Basta a citação deste longo espaço de tempo para se compreender que é difícil uma pesquisa neste sentido. Talvez nunca se chegue à exata origem da palavra Cuiabá, mas vale a pena realizar mais uma tentativa. Afinal, o pesquisador nunca se cansa de trilhar os caminhos do passado, revivendo ou descobrindo, estimulando novos e melhores estudos.

Numa pesquisa a respeito do nome de Cuiabá deve-se começar por uma indagação: é uma palavra de origem indígena ou não? A resposta é, tranquilamente, afirmativa. Sendo assim, o que vem a ser Cuiabá em linguagem indígena? Para se encontrar uma resposta a respeito é preciso considerar as seguintes perguntas: a) existiam índios chamados Cuiabás ou Cuiabases? b) o nome Cuiabá é de

origem local ou veio de outra região? c) trata-se de uma primeira designação do rio, da região ou dos seus moradores? Quanto ao item "a", não há a menor dúvida: nunca existiram índios Cuiabás ou Cuiabases. O item "b" também parece não apresentar dúvida, pois os índios que habitavam esta região eram os Bororos e eles se denominam de "Boê". Além do mais, a língua bororo não apresenta a palavra Cuiabá. O mais próximo seria "Ikúia Pá", lugar da pesca com flecha-arpão. Mas, caso se optasse por este caminho, existiriam dificuldades na explicação de Batovi, Bãto I, Região da Mangabeira; Arareao, Arãre E-ião, Lugar das Piraputangas; ou então Coxim, Kóco I, Região do Cajueiro. Logo, Cuiabá não tem origem local. E a própria língua bororo confirma: Barúbo Boróro significa nas proximidades de Cuiabá, Cibaíbo Boróro quer dizer no cerra do dos arredores de Cuiabá, e Okogébo Boróro corresponde a nos arredores de Cuiabá, que também pode ser Tuboréri Boróro. A palavra bororo, vale lembrar, corresponde a aldeia ou então a pátio. A partir de então, é fácil deduzir que a palavra Cuiabá é de origem indígena, mas surgiu em outra região, o que leva a presumir que ela tenha vindo do tupi-guaraní. Os índios tupís e guaranis foram os primeiros que tiveram contatos com os bandeirantes. Para melhor explicar isto, é bom recordar vários exemplos a tuais. Os marcianos existem e eles se chamam de marcianos? Dificilmente existirão estes marcianos, designação dada pelos terráqueos, que nunca colocaram o pé no planeta Marte. O mesmo deve ter ocorrido com Cuiabá. Sendo de origem tupi-guaraní, o "abá" já responde ao item "c", uma vez que corresponde a índio, homem local. Relaciona-se com os índios moradores desta região.

Parece que o problema já está solucionado, mas não está. Acontece que tanto o tupi como o guaraní são línguas aglutinantes, apresentando uma morfologia própria, bem diferente do que se observa em relação ao Português. Como não possuem gênero, o conceito de masculino se relaciona com a palavra "apyaba" e o feminino com a palavra "cunhã". Também não existe uma variação de graus para designar, por exemplo homem ou homens. O "abá" corresponde ao singular e ao plural. É bom lembrar aqui que é típico do tupi-guaraní acentuar a pronúncia nas sílabas finais e Cuiabá é um ótimo exemplo disto. O bororo faz a acentuação geralmente no meio da palavra, até mesmo na sua auto-denominação que é "Boê".

INFLUÊNCIA GUARANI

O guaraní, segundo respeitados pesquisadores, seria um dialeto do tupi. Por sua vez, os bandeirantes falavam, e muitos deles com grande facilidade, o guaraní, por ser necessário o contato com as primeiras tribos a Oeste que não falavam o tupi. Ainda hoje o guaraní exerce influência em determinadas palavras portuguesas usadas nos Estados do Sul do Brasil e particularmente em Mato Grosso. E não é apenas o guaraní. A influência do Português nos países sul-americanos de fala espanhola, o espanhol também está presente no lado brasileiro, principalmente na região banhada pela Baía do Rio Paraguai.

Em seu opúsculo "Cuiabanidade", o acadêmico Leine de Campos Póvoas afirma o seguinte a respeito do falar cuiabano:

"Assim, desde criança aprendi que esse falar carregado era característico apenas de uma parcela de população, da camada mais inculta do povo cuiabano. Em meu livro INFLUÊNCIAS DO RIO DA PRATA EM MATO GROSSO fo

calizo o assunto, ressaltando, inclusive, a influência que na nossa gente ribeirinha exerceu a língua espanhola, falada pelos paraguaios, argentinos e uruguaios que integravam as tripulações dos navios que aqui atracavam. Centenas de palavras como changador, cambio, saladero, chalana, liviano, vianda, chacra, guarapa, pregunta, mano, que a todo instante se ouviam, outra coisa não eram senão o próprio castelhano que se mesclava com o português".

Se em pleno Século XX isto ocorre, imagine-se o que acontecia nos princípios do Século XVIII, quando o Português enfrentava seriamente a força da linguagem indígena, mais identificada com a população. Compreende-se, portanto, a importância que o tupi-guaraní exerceu no falar das populações indígenas da região banhada pela Baía do Paraguai. Os bandeirantes tiveram de usar palavras do tupi-guaraní nos seus avanços a Oeste, e entre elas estava Cuiabá, do mesmo modo que hoje empregamos a expressão "marciano". A dificuldade está agora em decompor a palavra Cuiabá e encontrar o exato sentido da sua origem.

OS TOPÔNIMOS INDÍGENAS

O professor emérito Francisco da Silveira Bueno, da Universidade de São Paulo, diz o seguinte na segunda edição do "Vocabulário Tupi-Guaraní Português":

"Sob a denominação geral de topônimos, são incluídos nomes de rios, de montanhas e serras que, muitas vezes, deram os seus nomes a cidades, vilas e simples povoações. Longe de estar completa esta lista de topônimos, faltam para completá-la muitíssimos outros nomes de lugares porque o número de les é quase infinito. As próprias publicações oficiais, quer de Municípios, quer dos Institutos Geográficos e do Instituto de Estatística não conseguiram dar-nos, exatamente, a infinita série de denominações indígenas do vastíssimo Brasil. Em face de todas estas deficiências oficiais, limitamos unicamente aos topônimos de presumida origem tupi ou guaraní. Nem sempre é fácil desentranhar o verdadeiro significado da palavra colhido nos elementos construtores do vocábulo. A separação de tais elementos admite diversidades, decorrendo disto o fato muito comum de um mesmo topônimo apresentar duas ou mais interpretações".

Mais adiante, explicando as dificuldades existentes, prossegue:

"O estudo dos nomes de lugares, parte da etimologia de uma língua, é ramo ainda novo em linguística. Autores italianos e franceses encontraram sempre muitas dificuldades na interpretação dos nomes de lugares sobretudo pela migração dos povos que desde a mais remota história mudaram, muitas vezes, de moradia, deixando uma parte do país por outra, seja por causa do clima, seja por motivos de guerra. No terreno dos topônimos indígenas do Brasil, as dificuldades são muito maiores, justamente por essa migração das tribos, pelas invasões de outras, como as

do Caribe que chegam à região amazônica. A parecem então verdadeiros problemas de etnografia nem sempre claros e explicáveis. Explicar, por exemplo, como entre os topônimos bororos de Mato Grosso aparece um "Piquery" nitidamente tupi, região que comumente não foi habitada pelas tribos que viviam apenas na costa litorânea. É necessário notar outro perigo na interpretação dos topônimos: são eles sempre descritivos, pois os indígenas eram de fina observação, incluindo no nome de lugar as características desse lugar".

A PRIMEIRA HIPÓTESE

É necessário recorrer à História para se compreender melhor a origem da palavra Cuiabá. Em "Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de Seus Princípios Até os Presentes Tempos", Joseph Barboza de Sá, o primeiro cronista cuiabano, diz textualmente:

"Destes, o primeiro que subiu o Rio Cuiabá, assim chamado, dizem uns, que por acharem em suas margens cabaços plantados de que faziam cuias para seus usos, outros que o nome de Cuiabá procedeu de uma cuia que os primeiros que subiram este rio acharam sobre as águas que ia rodando, por donde inferiram que havia gente por ele acima e por esta inferencia subiram em procura dela, outros disseram que o nome de Cuiabá é apelido do gentio que nas margens deste rio habitavam; cada qual siga a opinião que quizer que não é ponto de fé nem pragmática de Rei que eu sempre estou que a nomeação foi derivada dos cabaceiros ou da cuia, que gentio deste nome nunca achei nem tive dele notícia, sendo dos segundos que cultivaram estes sertões e examinei tudo o que neles havia".

Do texto acima conclui-se que nunca houve alguma tribo de índio com o nome de Cuiabás ou Cuiabases. O mesmo Joseph Barboza de Sá cita os seguintes índios que existiram em Mato Grosso, na forma por ele escrita: Cayroyas, Taquasentes, Xixibes, Xanites, Porudos, Xacorores, Aragoares, Coxipones, Pocuris, Araponenes, Mocos, Goatos, Araviras, Buripocones, Arapares, Hytapores, Jaumes, Aycurus, Bororós, Payagoas, Xaraes, Penacuicas e outros. Em "Chronicas do Cuyabá", Joaquim da Costa Siqueira, o segundo cronista cuiabano, que usou parte do texto escrito por Joseph Barboza de Sá, assim relaciona as tribos indígenas que existiam na região: Corayás, Paoacentes, Xixibes, Axanês, Porrudos, Xacoreres, Araçoarés, Coxiponês, Popucunes, Arapones, Mocos, Paraçoanes, Apecones, Boripocunes, Itilaporês, Jaymes, Goatós e Aicurus. O interessante entre as duas relações é que os Bororos aparecem apenas na de Joseph Barboza de Sá.

BORORO: BÔE

A propósito, é necessário citar o padre Mário Bordignon, que acrescentou ao seu nome a palavra borora Enawréu. Em "Os Bororos na História do Centro Oeste Brasileiro 1716-1986", ele afirma o seguinte a respeito do nome Bororo, esclarecendo as várias designações indígenas aqui encontradas no período das Bandeiras:

"O termo Bororo foi usado pelos primeiros exploradores para identificar os membros da tribo. Outros apareceram, ao longo da história, como Coxiponê, Araripoconê, A

raês, Cuiabá, Coroados, Porrudos, Bororos Aravirá ou Bororos Orientais ... Eles, porém, denominam-se a si mesmos de "Bôe", que quer dizer Índios Bororos. Os de outras tribos e os invasores ocidentais não são Bôe. São barêge, isto é, animais. A palavra bororo significa pátio ou aldeia. Os exploradores que por primeiros entraram em contacto com a tribo, ouvindo os cantos executados pelos índios, perceberam a repetição frequente da palavra bororo que, às vezes, forçada pelo ritmo da música, era pronunciada bororó. Esse fato gerou o atual epônimo da tribo, cujos membros, até hoje, vêm sendo denominados Bororos ou, erroneamente, Bororós. Quem, em 1851, descobriu que todos esses nomes se referiam à mesma tribo foi Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, geógrafo, presidente e defensor de Mato Grosso. Sendo, porém, a forma bororo usada em antropologia e, até, pelos índios, nós também a empregaremos".

A respeito da origem dos Índios Bororos, diz o padre Mario Bordignon:

"Sobre a origem desse povo nada se sabe com certeza e nada se pode deduzir de suas lendas. Estudiosos, como Tonelli, supõem que tenham vindo do Rio Negro, passando pela Bolívia. Rivet afirma que teriam vindo da Bolívia, linguisticamente emparentados com os Otukê, agora extintos. Além disso, existem, nessa região, índios, como os Mataco e os Chiriguanó, que têm adornos parecidos com os dos Bororos. A língua bororo não pertence a nenhum dos quatro principais grupos linguísticos do Brasil, Jê, Tupi, Aruak e Karib. Podemos aceitar a teoria segundo a qual os Índios das Américas teriam vindo da Ásia muitos milênios atrás". Sobre o lugar onde viviam, acrescenta: "Segundo Couto Magalhães", a Nação Bororo, que está subdividida em algumas tribos, ocupa uma área de 48 milhões de hectares". Essa área estendia-se, desde um pouco além da divisa com a Bolívia, a Oeste, até além do rio Araguaia ao Sul de Goiás, alcançando o Triângulo Mineiro, ao Leste. Desde as cabeceiras do rio Cuiabá e rio das Mortes, ao Norte, até às dos rios Coxim e Negro, ao Sul".

O padre Mario Bordignon se refere aos grupos principais dos Bororos antes da chegada dos bandeirantes:

"Os da bacia do rio Cuiabá, também chamados Coxiponês, nome derivado do rio Coxipô, afluente do Cuiabá. Os da bacia do rio São Lourenço, também denominados Porrudos. Os que moravam no alto do rio das Mortes, na bacia do rio das Garças e nos dois lados do rio Araguaia. Ainda vivem, na aldeia de Merúri, uma velhinha borora chamada Anita, nascida em Goiás, e alguns Bororos, filhos de pais também oriundos de Goiás. Os do Sul os da Serra de São Jerônimo e os dos rios Taquari e Coxim. Os da margem direita dos rios Paraguai e Jauru, também denominados de Avavirás ou bororos de Campanha. Os do ri

Cabaçal, perto de Cáceres, apelidados de Cabaçais. Além desses grupos dos quais se tem notícias, provavelmente havia outros. É difícil fazer um cálculo do número de Bororos, antes da chegada dos bandeirantes. Alguns autores falam de 10.000 Índios".

FORA DO VOCABULÁRIO

Como se constata, dos registros até aqui anotados, o nome Cuiabá não se refere a qualquer tribo da região, pois os Índios aqui dominantes eram os Bororos, que não possuíam a palavra Cuiabá no seu vocabulário. Esta parte de Mato Grosso, mesmo não sendo habitada por Índios tupis-guaranis, mantinha contato com estes últimos, através da Bacia do Paraguai, uma vez que as diferentes tribos de origem borora estavam localizadas nos seus principais afluentes. A propósito, além das citações de Joseph Barboza de Sá e de Joaquim da Costa Siqueira, outros historiadores também não falam em Índios Cuiabá quando se referem aos primeiros indígenas da região. Virgílio Corrêa Filho, em sua "História de Mato Grosso", fala em Cuiachiponés, Araripoconés, Bacairis e Porrudos. Os Índios Bororos, ao contrário, são citados por vários deles.

Vale lembrar que o vocabulário da língua dos Bororos já foi motivo de organização por parte de Francis Castelneau, Martius, J.A. Caldas, Karl von den Steinen e missionários salesianos. Outros pesquisadores também já atuaram na mesma área, como Savage Landor e Fricke Radin. Um dos mais completos é o vocabulário organizado por Basílio de Magalhães, que na apresentação do seu trabalho a respeito afirma:

"Traço em mente publicar mais tarde uma apreciação detida das origens, linguagem e costumes dos Bororos, sem dúvida uma das mais interessantes tribos da nossa terra. Para isso, tenho já coligido abundante material. O maior obstáculo, que se me deparará na pesquisa do tronco étnico daqueles selvagens mato-grossenses, foi removido graças à gentileza do meu erudito mestre e bondoso amigo Capistrano de Abreu, a quem devo a leitura dos dois esclarecedores escritos de G. de Créqui-Monfort e P. Rivet "Le Groupe Otuke" e "Les Affinités des Dialectes Otuke".

A meu ver, está definitivamente assentada a filiação étnica dos nossos Bororos, que nada têm de comum com os Tupis, como parecem acreditar os ingénios Salesianos. Mercê das substanciosas monografias acima citadas, chega-se à conclusão de que os Bororos não passam de um ramo do tronco Otukê, arrojado, por motivos ainda desconhecidos, do Sul da Bolívia para os territórios brasileiros das margens dos rios Paraguai, Jauru e Cabaçal. É fácil demonstrar o parentesco dos Bororos com os Kovarekas e Kuruminakas, todos os quais, com os Otukês, constituem o grupo desta última denominação; e, com certas reservas, é possível estender-lhes a consanguinidade até os Kuravês, Kurukanekas e Tapiis. É bem de ver que aqui ficam apenas lançadas estas proposições, à espera de que me não faltem um dia de lazer e vigor para o trabalho de fôlego, que propósito reali-

zar, como acima declarei.

Os nossos Bororos, em todo o caso, deixam de formar nos compendios comuns, entre os aborígenes inclassificados, o que já é alguma coisa. Tenho grande satisfação em confessar que o Coronel Rondon, o benemérito apóstolo dos sertões é, dentre os brasileiros vivos, o que melhor conhece a língua bororo, leu e benevolmente apreciou o presente trabalho".

A palavra Cuiabá, que não está relacionada no citado vocabulário, também não figura nas primeiras denominações locais, a não ser na ata de fundação de Cuiabá, que para a História foi assinada no dia 8 de abril de 1719, mas que deixa algumas dúvidas. Por exemplo: os três primeiros arraiais instalados aqui, por ordem, existiram em São Gonçalo, em Forquilha e nas Lavras do Sutil.

OS TRES ARRAIAIS

Pelo texto de Joseph Barboza de Sá, em "Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de Seos Principios Thê os Presentes Tempos", o Arraial do Senhor Bom Jesus ainda não existia até a descoberta das Lavras do Sutil o que ocorreu somente em outubro de 1722. Logo, o arraial do Senhor Bom Jesus deve ter surgido a partir de 1723, pelo que a lógica permite presumir. O próprio Joseph Barboza de Sá, ao se referir à Forquilha, fala em Arraial do Cuxipô, grafando com u, de onde os bandeirantes vieram para as Lavras do Sutil. Na carta que Pascoal Moreira Cabral mandou a Dom João VI, no dia 15 de julho de 1722, ele se refere às "Minas do Cuxipô" e não as "Minas do Cuiabá", que deveriam existir, pela ata por ele assinada, desde 8 de abril de 1719. Até o 8 de abril parece ter sido escolhido de propósito, para coincidir com a data de 8 de abril de 1711, quando a Vila de São Paulo foi elevada à categoria de cidade.

O nome Cuiabá surgiu pela primeira vez, pelo menos isto é facilmente deduzido, no seguinte texto de Joseph Barboza de Sá em "Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de Seos Principios Thê os Presentes Tempos", ao se referir ao ano de 1722:

"Neste mesmo ano, levantou o capitão-mor Jacinto Barboza Lopes igreja à sua custa coberta de palha que logo serviu de freguesia no mesmo lugar em que se acha a que presentemente existe, dando-lhe o título de Igreja do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, onde disse primeira missa seu irmão, o padre frei Pacífico dos Anjos, religioso franciscano".

Pascoal Moreira Cabral assinou a sua correspondência a Dom João VI nas "Minas do Cuxipô", que vem do bororo Kujibo, Córrego do Mutum. Este "do Cuxipô" pode explicar o "do Cuiabá", muitas vezes citado nos textos dos primeiros cronistas cuiabanos. Isto é, pode explicar que o "do Cuiabá" se refere à região, principalmente quando se sabe que não existe uma palavra bororo que corresponda a Cuiabá, o que reforça a tese de que ela é de origem tupi-guaraní, sendo um nome dado pelos localizados ao Sul do Rio Paraguai, onde é forte a influência daquele grupo indígena.

Agora será mais fácil raciocinar nos seguintes termos: o nome Cuiabá corresponde a uma descrição feita pelos Índios do Sul a respeito dos Índios existentes ao Norte do Pantanal Mato-grossense atual. Recorde-se, ago-

ra, o que disse o professor Francisco da Silveira Bueno, da Universidade de São Paulo, na segunda edição do seu "Vocabulário Tupi-Guaraní Português", a respeito de topônimos e Cuiabá é um deles: "São eles sempre descritivos, pois os indígenas eram de fina observação, incluindo no nome de lugar as características desse lugar". Continuando, não será difícil compreender que Cuiabá corresponda à visão tupi-guaraní sobre a região povoada pelos Bororos, de outro grupo indígena.

IMPORTÂNCIA DO TUPI

Novamente citando o professor Francisco da Silveira Bueno, na segunda edição do seu "Vocabulário Tupi-Guaraní-Português":

"O Tupi era a língua usada pelos jesuítas em suas catequese desde o Maranhão até S. Vicente, em São Paulo. Não era língua própria de uma tribo, mas uma uniformização léxica racional de vários dialetos, fixada pela Gramática do Padre Anchieta e pelo vocabulário jesuítico. Foi o tupi o resultado desse esforço normativo para servir a todos os missionários em seus trabalhos e por toda a costa atlântica do Norte ao Sul, tomando como pontos balizantes o Maranhão e São Paulo (Frederico G. Edelweiss). O Tupi, gramaticalizado por Anchieta era a língua legítima dos índios e não se confundia com a língua geral falada pelos colonos e seus descendentes (idem)". Mais adiante: "Este Curso de Tupi Antigo pretende facilitar o conhecimento do idioma falado pelo grupo mais importante de índios do Brasil. Língua vulgar prevalente nos primeiros tempos da Colônia, falada na catequese e nas bandeiras, instrumento das conquistas espirituais e territoriais da nossa história, o seu conhecimento, sequer superficial, faz parte da cultura nacional (Lemos Barboza - Prefácio). Agora se referindo ao Guaraní: "O Guaraní é um dialeto do tupi e foi falado desde S. Vicente até o Paraguai onde é ainda hoje, se bem que muito influenciado pelo castelhano, a língua da população. O primeiro grande conhecedor do guaraní foi Antônio Rodrigues por ter vivido vinte anos no Paraguai e foi levado pelo Padre Nóbrega (1556) para a Bahia, onde se fez jesuíta. Um dos característicos já notados por Anchieta era a supressão da final das palavras: apã por apabe; acê, apê por acem, apen; aiu por aiur; amã (amana), acan (acanga)". (Idem). O Guaraní é um dialeto do Tupi e está representado pelos trabalhos de Montoya".

Acredita-se que a linguagem popular brasileira tenha recebido de 50.000 a 100.000 contribuições em vocábulos de origem Tupi-Guaraní, embora não tenha sido feito, ainda, um levantamento a respeito desta influência no Português falado no Brasil. Baptista Caetano, em "Esboço de Gramática", afirmou, a propósito:

"Na linguagem popular do Brasil há não só grande quantidade de vocábulos tupis ou guaranis, mas ainda frases, figuras, idiotismos e construções peculiares. Quanto ao vocabulário é considerável e, com um pouco de

atenção, vê-se que no Português brasileiro abundam dicções de línguas americanas, talvez em número mais considerável que o das dicções árabes que se conservam no léxico Português".

LINGUA PARA CATEQUESE

Os jesuítas precisavam definir uma língua para os seus trabalhos de catequese. Escolheram o Tupi, por que dominava grande parte do território brasileiro. Durante dois séculos, de 1550 a 1750, o Tupi predominou tanto que o Português foi praticamente imposto em determinados pontos do Brasil Colônia, inclusive em São Paulo. A respeito, o professor Francisco da Silveira Bueno faz as seguintes explicações:

"Foram os Jesuítas que a impuseram (feria-se à língua Tupi), em seus aldeamentos, unificando, portanto, as diferenças existentes entre os fatores de cada tribo, criando o grande instrumento de comunicação, quer entre as várias tribos aldeadas, quer entre missionários e missionados, quer ainda, no decorrer do tempo, entre portugueses e nativos. Criou-se então verdadeira língua geral que, pela costa atlântica, desceu do Norte para o Sul do país.

Em consequência dessa culturação, especialmente de S. Vicente, em S. Paulo, para o Sul, no contato com outros falares indígenas, dialetou-se o Tupi no Guaraní. Dado o maior desenvolvimento geral desta parte meridional, estendendo-se até os territórios das Missões, atingindo o Paraguai, Uruguai e Argentina, do que as regiões do Norte do Brasil, um número muito maior de vocábulos guaranis foram postos em uso.

Os Bandeirantes, partindo sempre de S. Paulo, falando esse dialeto guaraní, o disseminaram em suas viagens por quase todo o país. Tal foi o desenvolvimento desta dialeção do Tupi que os missionários espanhóis dele se serviram na sua monumental obra de cristianização que muitos chegaram a falar de um verdadeiro "Império Jesuítico" nesses territórios por eles aculturados.

Segundo a opinião do historiador Tainay, em S. Paulo, até o Século XVIII, falava-se guaraní nas famílias, espanhol nas ruas e somente português no trato oficial com as autoridades governantes. Com tão grande penetração do Guaraní, nada de admirar que a língua portuguesa se enriquecesse com grande cópia de palavras e expressões indígenas, vivas ainda em nossos dias, especialmente na fala rústica da nossa gente".

O professor Francisco da Silveira Bueno faz, mais adiante, este importante esclarecimento, para se entender melhor a grafia de palavras oriundas do Tupi-Guaraní:

"O Tupi e muito menos o seu dialeto o Guaraní tinham escrita. Os missionários, que aprenderam, por necessidade de comunicação com os indígenas, os seus falares, escreveram de acordo com os seus conhecimentos europeus dos sons. Daí as diferenças de grafia entre os escritos de missionários portu-

guêses e espanhóis e muito mais ainda entre os de origem francesa ou alemã. Cada qual tratou de reduzir a letras já suas conhecidas os sons que iam ouvindo diretamente da boca do bárbaro, como afirma o Padre Vieira em seus tempos".

ORIGEM GUARANÍ

Está provado, em várias obras, que os Bandeirantes falavam o Guaraní e disseminaram esta língua pelo Sul e pelo Centro-Oeste. O Tupi, por sua vez, era falado pelos missionários jesuítas, pelos comerciantes, pelas gentes da administração portuguesa, era, enfim, a língua com que o Brasil-Colônia foi cristianizado. O Guaraní é um dialeto do Tupi, mas ambos se diferenciam no emprego de palavras acentuadas no final da frase, como por exemplo: caraíba, em Tupi, e caraí, em Guaraní. Daí se deduz que a palavra Cuiabá, embora sendo de origem Tupi-Guaraní, é mais Guaraní, pela acentuação aguda no final "bá".

Outro pesquisador, João Baptista de Souza, trouxe mais luzes a respeito da palavra Cuiabá, embora estivesse buscando o significado da origem do nome de uma outra cidade, hoje localizada na fronteira do Brasil com o Paraguai. No seu livro "Amambaí, A sua Etimologia e a sua Pronúncia ante o Tupi-Guaraní", ele reforça a tese de que não existiu uma tribo de índio denominada Cuiabá. Ao se referir aos índios localizados entre o Sul do Rio São Lourenço até o Rio Paraná, ele lembra:

"Todas as famílias em que se agrupavam os Guaranís, falavam línguas diferentes, ainda da mesmo que se aproximando uma da outra, com a sua pronúncia gutural. Daí a grande quantidade de termos indígenas na nossa toponímia com definições completamente desiguais. - Na comarca da Conceição, escreve João Pedro Gay, na sua História Jesuítica do Paraguai, pag. 583, há muitas nações de índios comumente chamados frentones, se bem que cada nação tenha seu nome próprio: tem quatorze línguas distintas, vivem entre lagoas, porque o território é todo chato e alagadiço.

Os jesuítas do Paraguai pretenderam estruturá-la, unificá-la, no que muito conseguiram; mas, com a queda da sua bem organizada república, o guaraní se esfacelou e, hoje, o que se fala no Paraguai entre camponeses é um mixto espanhol-guaraní, na qual muitos dos seus termos foram alterados, substituídos; todavia, embora isto tenha se dado, muitos dos quais se conservam, identificando-se como os do Tupi - do Norte".

O historiador João Baptista de Souza, por dirigir o seu trabalho para a pronúncia verdadeira da palavra Amambaí, cidade de Mato Grosso do Sul (para ele a pronúncia exata é Amambaí, segundo os tratados e a sua origem), esclarece em seu livro que o "i" tem três pronúncias e o "y" duas:

"O alfabeto guaraní foi composto em vinte e tres letras que são: A, Mb, C, Ch, Nd, E, G, H, L, M, N, ñ, O, P, R, S, T, U, V, Y, Í. Destas vinte e tres letras, seis são vogais: A, E, I, O, U, Í. Os iii são três: i, minúsculo; Í, do verbo estar, haver; í,

agudo. Os yy são dois: O ŷ, com til significa: não, não, sim, ausencia, falta, omis são. O y, sem til, é uma conjunção equivalente ao nosso - e -, destinado a ligar duas palavras".

AGLUTINAÇÃO DE PALAVRAS

Entre o "i" e o "y", vale lembrar que a palavra Cuiabá era inicialmente escrita com "y". Por isto é bem lembrar o que Anselmo Jover Peralta escreveu a respeito:

"Es casi imposible representarse este sonido en español. Quem quera aprender el guaraní tendrá en el como en el caso de la vocal gutural, una dificultad que solo podrá vencer ayendo a una persona de habla guaraní pronunciarlo repetidas veces. Es un sonido gutonasal".

Ainda citando o lexicólogo Anselmo Jover Peralta, membro fundador da Academia de Língua Guaraní, em seu "Dicionário Guaraní-Español", "avá" refere-se à pessoa do índio. "Avá" e "Abá" têm a mesma aplicação quanto ao índio, como ser humano. Contudo, "Abá" era usado com mais frequência antigamente no Paraguai, daí o "Abá" da palavra Cuiabá. Nas suas "Efemérides Brasileiras", página 589, o Barão de Rio Branco afirma: "Wisner escreve Avay e a relação oficial paraguaia Abay (de Abá "homem" e y "água". Esta última deveria ser a denominação adotada". Além do "Abá", já aparece o "y". "Abá", índio e "y" água. Já se definiu o "Índio das Águas". Deve-se lembrar aqui que o guaraní não se flexiona em gênero e grau.

Voltando ao professor Francisco da Silveira Bueno, com o seu "Vocabulário Tupi-Guaraní-Português":

"Alguns tupinólogos não admitem a consoante Q, colocando os verbetes na lista dos que começam por C. Outros substituem o Q por K. Neste vocabulário, admitimos a consoante Q, mas muitos vocábulos aparecem sob a letra C. Eliminamos o K por já não constar do alfabeto português". O primeiro verbebo por ele citado é: "Qua", substantivo feminino: "Mais corretamente grafado cuá e também Kuá pode ser cintura, cinta, meio entre dois extremos. Na significação de baía, porto, sobretudo em composição com outros elementos, toma a forma quã, v. g. Paranaquã. Pode ainda significar vale como em yaraguã, hoje jaraguã, o senhor, o dominador do vale, nome da montanha vizinha da cidade de S. Paulo".

Surge agora a palavra "Quã", "Cuã", "kuã". O acento agudo aparece quando o "Quã" é final. Portanto, é fácil entender e compreender que a palavra "Qua" (transformada em "Kua" ou "Cua" complementa a possível origem da palavra Cuiabá, que seria o "vale dos índios das águas" ou melhor, atualizando com a expressão geográfica moderna "pantanal mato-grossense".

DIVERSAS HIPÓTESES

Se nem o primeiro cronista cuiabano, Joseph Barboza de Sá, conseguiu definir a origem exata da palavra Cuiabá, não será um historiador do fim do Século XX que terá a arrogância de pensar que esclareceu tudo a respeito. Contudo, ninguém poderá lhe negar o mérito de ter pesquisado, durante anos, sempre à procura deste ideal, até buscando autores que pensam diferente. O professor Francisco da Silveira Bueno, por exemplo, no seu "Vocabulário Tupi-Guaraní-Português" afirma:

"Cuiabá - s. Cidade de Mato Grosso. Escrevia-se antigamente Cuyabá e T. Sampaio, duvidando da origem tupi da palavra, diz que, se for tupi, virá de cui, farinha; abá, 'homem: o homem da farinha, o farinheiro. Martius escreveu: cuia, vasilha; aba, homem, isto é, o fabricante ou fazer de cuias". (T. Sampaio: Teodoro Sampaio).

O historiador João Baptista de Souza, no seu livro "Amambá, A sua Etimologia e a sua Pronúncia ante o Tupi-Guaraní", esquecendo-se da origem tupi-guaraní da palavra Cuiabá, diz:

"Gente caída em bororo; isto é, na língua dos bororos. Capital do Estado de Mato Grosso, situada à margem esquerda do rio do mesmo nome".

Por sua vez, o historiador Rubens de Mendonça, em seu livro "Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá", diz a respeito do nome da Capital mato-grossense:

"Uma lenda diz que Cuiabá teve a sua origem num moço português que fazia parte da bandeira de Pascoal Moreira Cabral, o fundador da cidade, que indo beber água nesse rio, levava consigo uma cuia. No momento em que a estava enchendo d'água, a cuia lhe escapou da mão e rodou rio abaixo. Como ele era lusitano, gritou para os companheiros Cuiabá bá bá, querendo dizer que a cuia vá. Na pronúncia portuguesa trocou o v pelo b, e assim nasceu o nome do rio, que mais tarde veio a ser o da cidade".

O salesiano Mário Bordignon Enawurêu, da Missão Salesiana de Mato Grosso, publicou em "Os Bororos na História do Centro Oeste Brasileiro 1716-1986" que o nome Cuiabá procede de duas palavras bororas: Ikúia (lugar da pesca com) Pá (Flecha-Arção). Mas na verdade os citados índios, que se denominavam "Bõe", chamavam a região de Cuiabá de "Bororo". Na verdade, "Bororo" corresponde a pátio, aldeia, local onde eles os Bororos viviam.

Em seu clássico livro "Viagem ao Redor do Brasil", o médico e historiador João Severiano da Fonseca, ao se referir ao nome do Rio Cuiabá:

"Escrevo, assim, de preferência a Cuiabá, por não poder conformar-me com a derivação de cuia-vae que dão-lhe alguns, ou mesmo cuia-abá (abá, gente), apesar de esta ser a opinião do advogado Joseph Barbosa de Sá, contemporâneo quase da fundação da cidade, o qual na sua Relação dos Povoados de Cuiabá e Mato Grosso, manuscrito de 1775, diz: "Destes o primeiro que subiu o rio Cuiabá, assim chamado por encontrarem uma cuia grande sobre as águas, que ia rodando, por onde inferiram que por aquele rio havia gente (sic); outros dizem que o nome de Cuiabá procedeu de haverem cabaceiros plantados pelas margens daquele rio; e outros que era o nome de gentios chamados cuiabases, que nestes distritos habitavam. Cada qual siga a opinião que quiser, que não é ponto de fé nem pragmática de Rei, que nem sempre estou que a nomenclatura procedeu da cuia; que gentio des

se nome nunca achei nem tive notícia, nem que houvessem cabaceiros pela margem do dito rio, sendo eu um dos segundos que cultivei estes sertões e examinei o que neles pude encontrar".

A opinião dos cabaceiros é a seguida por monsenhor Pizarro que diz: "Os povoadores primeiros do distrito deram-lhe o nome por acharem plantado em suas margens certo fruto conhecido com o apelido de cabaço ou cabaça, espécie de abóbora de miolo amargo, o qual se separa e deixa um casco rijo, de que fazem cuia, secando-o, para guardar farinha, líquidos, etc". - Mem. His., tomo 9.

A de cuja e abá, gente caída, é dada pelo padre José Manoel de Siqueira, cônego de Sá e filho do Capitão Antonio do Prado Siqueira, amigo e companheiro do Anhanguera e do Coronel Antonio Pires de Campos, contemporâneos estes do descobrimento da província. Mem. a respeito das Minas dos Martírios.

Entretanto, Antonio Pires de Campos, na Breve Notícia que dá do Gentio Bárbaro que há na Derrota das Minas de Cuiabá e seu Recôncavo, publicada no tomo XXV da Rev. Trim. do Ins. His., pág. 416, elucida a coisa de modo a não haver dúvida, dizendo: "Subindo mais para cima, vem um rio dar neste do Cuiabá, que lhe chamam Cuyabá-merim, que nasce de uma baía na qual habitava um lote de gentio chamado Cuyabás. Estes usavam de canoas e nos trajes e costumes eram como os acima nomeados, e tinham pazes com todos por serem mansos e pacíficos". Creio suficiente esta asserção do contemporâneo do descobrimento para acertar-se com a origem do nome.

Se em vez de cuiabás eram cayobás, ou mesmo cajabís, índios que ainda hoje povoam as cabeceiras do Manso e Paranatinga, aquele gentio, a corruptela não é de assustar os etnólogos, tanto mais quanto se vê que ela virá desde Antonio Pires. Os caiobás, de fato, eram senhores dos sertões entre essas bandas e o Arinos, rio das Mortes e Araguaia, do mesmo modo que com esse nome encontravam-se outras nações nas margens do Mamoré, onde foram aldeados na missão de La Exaltación de Santa Cruz de los Cayobás.

Segundo Francisco Rodrigues do Prado, comandante do forte de Coimbra, na sua História dos Índios Cavaleiros, pág. 2, os caiobás eram os mesmos coroados ou coroás, habitantes daquelas margens. Baste este exposto, e cale-se as versões de cunã-abá, mulher-homem, virago, que alguém apontou, e a dos que a tiram dos coroás, em cujo dialeto cuyá quer dizer falar e boye mulher, frase-a faladora. Se um dia o português fosse uma língua morta, e tais etnólogos aparecessem, haviam de explicar a palavra camaleão como formada de duas puramente lusitanas, que significavam leito de dormir e um animal, o rei das selvas. Segundo o padre Losano (Cong. del Rio de la Plata, 1ª - IV), Ibiraty era o primitivo nome de Cuyabá".

Até mesmo o primeiro nome do Rio Cuiabá era de origem tupi-guarani. Ibirá ou ibirá corresponde a madeira e ty a líquido. Seria, então, madeira líquida, o que

descreve, como é costume do Índio, a região, onde há muita madeira e muita água.

Embora com ligeira citação, vale lembrar Herules Florence, que no seu livro "Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829", diz:

"A colonia, debaixo do nome de Cuiabá, nome dos índios que aí habitavam, fez rápidos progressos, aumentando continuamente com a chegada de novas bandeiras, seguiram para diante e foram descobrir, a 100 léguas para O., Mato Grosso, donde provém a denominação de toda a província". O livro citado narra a viagem da Expedição Langsdorff, que chegou a Cuiabá no dia 30 de janeiro de 1827.

Até mesmo o marechal Juarez Távora também se preocupou com a origem da palavra Cuiabá. Em "Uma Vida e Muitas Lutas", ao se referir à cidade cearense de Quixadá, ele registra:

"A nação indígena que a habitava era designada, pelos tupis, de "Quixadá" (tal vez corruptela de "quixabá"), que significa "Nação das pedras" - como Cuiabá, em Mato Grosso, significa "nação das cuias", nome dado aos garimpeiros, que inicialmente a povoaram, e cujos trabalhos de mineração se faziam com "batéias" rústicas, em forma de "cuias".

Em "Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro", publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o conselheiro Antonio Joaquim Macedo Soares reservou um capítulo especial às "Notas Lexicográficas Acerca de Nomes Indígenas de Algumas Localidades de Minas", que compreende o texto de uma carta que ele enviou à redação do "Monitor Sul-Mineiro", onde, como última palavra da letra "c" citou a Capital mato-grossense:

"Cuiabá, cuia, vasilha, aba, criador". Esta palavra quer dizer "cabelo"; abá é que significa "homem", porém, não "criador". E porque não vem de cui, farinha? Porque, diz Martius, nas margens do Cuiabá, se acharam cuietézeiros (árvores da Crescentia Cuyete, cabaceiros, como chamamos no litoral do Rio de Janeiro). Ora, é muita imaginação! Anda muito longe daí o monhangara, com que os guaranis e tupis designam o "fazedor, criador, produtor, autor, etc.". Cuiabá, ao pé da letra, seria "homem de cuia", se não fosse um disparate".

O grande Estevão de Mendonça, em seu "Quadro Chronographico de Matto-Grosso", uma das obras mais raras da historiografia mato-grossense, diz a respeito:

"O nome Cuiabá origina-se, segundo Martius (Glossaria Linguarum Brasiliensium, Leipzig), da existência nas margens desse rio de árvores que produzem fructos de que se faz CUIA. Esta versão está de acordo com a etimologia da palavra cuia, vasilha, e abá, criador de vasilhas. A mais conhecida, entre tanto, é a seguinte: cuia-abá, que na linguagem bororó quer dizer - GENTE CAHIDA".

Por sua vez, o cronista Octayde Jorge da Silva, no seu livro "Um Estudo sobre a História de Mato Grosso", escreve:

"A história do nome CUIABÁ é um tanto jocosa. Conta-se que um dos portugueses a quem viventes se lavava no rio, usando uma cuia (fruto das cabaceiras, já serrado, tratado, sem os miolos). Esta, escapando-se de suas mãos, desceu o rio e se foi. Como o português troca a letra y por b, na pronúncia, talvez houvesse dito CUIA VÁ. É apenas um registro. A respeito do fato um estudioso do assunto - o Padre RAIMUNDO POMBO, apresenta novas versões". Num depoimento no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, o padre Raimundo Pombo insiste com a tese de outros padres da Missão Salesiana de Mato Grosso, segundo a qual o nome de Cuiabá é originada das palavras bororas Ikúia (lugar da pesca com) e Pá (Flecha-Arpaõ).

Outra origem da palavra Cuiabá pode ser encontrada também no Bororo. No seu "Vocabulário da Língua dos Bororos", Basílio de Magalhães disse em 1918:

"Baã-Curirê: s., nome que dão a Cuiabá; cidade (isto é, "aldeia grande"). Var.: baã-crieu". Uma aproximação da palavra Cuiabá pode ser encontrada com a junção das palavras Baã, substantivo, que é aldeia em Bororo, e Cuie, também substantivo, que corresponde a "flecha de cana brava, com ponta de osso muito aguçada, para pegar peixes grandes; arpaõ. Vars.: cúia e icúia".

Para Valmiro Rodrigues Vidal, no 6º volume de "Curiosidades", a origem da palavra Cuiabá não é no Bororo e sim no Tupi:

"Apresentam-se alguns étimos. Para Carlos Teschauer (Novo Vocabulário Nacional), o nome vem do Tupi Kuia-abá (gente forte) ou Kui-a-bá (farinheiro, homem da farinha). Outros vêm em cuia (vasilha) e aba (criador) a origem do nome. Há quem diga que Cuiabá era a denominação de uma tribo que habitava o sítio onde hoje se ergue a cidade".

A palavra Cuiabá também foi encontrada em Minas Gerais por Auguste de Saint-Hilaire, que no seu livro "Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil", traduzido por Leonam de Azeredo Penna, diz o seguinte:

"Margeando sempre o Rio Sabará, cheguei ao Arraial de Cuiabá (23) pertencente à Paróquia de Caeté (24). Cuiabá foi construída sobre a encosta de um monte acima do Rio Sabará. Nos outeiros vizinhos da aldeia existiam diversas minas em atividade, quando da minha viagem. É a pouca distância de Cuiabá que se acham as divisas entre Caeté e Sabará; uma ponte marca essas divisas. Atravessi-a e, do outro lado, encontrei região mais descoberta".

(23) - Provavelmente das palavras guaranis "cuyã" ou "cunã" e abá, igual a - mulher corajosa.

(24) - É pelo menos o que se diz na região; devo, entretanto, esclarecer que não encontro Cuiabá nem na lista das sucursais de Caeté, dada por Pizarro, nem na das do Termo de Sabará. Aliás, é possível que Pizarro, que não admite para as aldeias senão os nomes de suas igrejas, haja indicado Cuiabá por um nome que não seja usado na região".

Neste ponto devem ser feitos dois esclarecimentos. O primeiro se relaciona com a palavra "abá", que se refere a índio indicado por outro índio. O já citado Antonio Joaquim Macedo Soares, em "Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro", publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, depois de dizer que "abá" significa "homem", diz em outro local do seu interessante trabalho:

"Nas Missões, os brancos são caraíbas; e ainda hoje no Paraguai o índio se orgulha chamando-se de abá, o homem por excelência, em contraposição ao caray, o estrangeiro, que ninguém sabe donde vem, gente à toa".

O segundo esclarecimento se relaciona com o surgimento da palavra Cuiabá em Minas Gerais, conforme citação feita por Auguste de Saint-Hilaire, em "Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil", também já citado. Todos conhecem hoje a fama das minas de ouro de Serra Pelada. Muito mais deve ter ocorrido com as de Cuiabá, onde, segundo Joseph Barboza de Sá, em sua "Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de Seus Principais Thesouros e Presentes Tempos", diz textualmente que Cuiabá "foi a mancha de ouro mais copiosa que se tem achado no Brasil". O primeiro cronista cuiabano acrescenta: "... a valiou-se tirar-se deste lugar dentro em um mês melhor de quatrocentas arrobas de ouro sem que os socavões aprofundassem mais de três até quatro palmos". O ouro era, então, encontrado à flor da terra, sendo apanhado com as mãos assim como se faz hoje com as pedras comuns da região. A fama de Cuiabá, naquela época, era superior à de Serra Pelada, de acordo com as palavras de Joseph Barboza de Sá:

"No ano de 1723 partiu monção para povoado com bastantes canoas carregadas de ouro, onde foram os primeiros quintos para a Real Fazenda que destas Minas saíram e por condutor deles e de toda a frota o Padre André dos Santos Queiróz; chegada esta a povoado e sabida a máquina de ouro que ia, notícias que davam os da monção e sobretudo a voz do Padre André que era uma trombeta que tudo atroava, sou a fama do Cuiabá até os fins do orbe, passando dos limites do Brasil e de Portugal e daí aos Reinos estrangeiros, tanto que chegaram a exagerações fabulosas dizendo-se que no Cuiabá serviam os granetes de chumbo nas espingardas para matar veados. Que de ouro eram as pedras em que nos fogões se punham as panelas e que para o apurar não era necessário mais do que arrancar as tochas de capim que nelas vinham pegadas as folhetas e isto de arrancar - se capim e virem as vezes granetes de ouro pegados às raízes foi visto por muitas vezes tanto nas lavras chamadas do Sutil como nas da Conceição, que depois foi Arraial com ca

pela da Senhora da Conceição, de onde também tiraram imensos haveres".

Nada mais justo que alguém colocasse o nome de Cuiabá em uma localidade que surgia em Minas Gerais. Isto é comum nos dias atuais. Auguste de Saint-Hilaire, em "Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil" se refere a um período posterior ao surgimento das grandes lavras de ouro em Cuiabá, que merecia a homenagem de uma repetição do seu nome em outra localidade aurífera. Por isto, insiste-se quanto a primazia do nome de Cuiabá se referindo a Capital de Mato Grosso. Outros nomes semelhantes, está comprovado, não passam de reproduções.

Vale ainda citar o dr. Domingos Jaguaribe, que publicou na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo um interessante artigo intitulado "Palavras Indígenas", compreendendo palavras da Língua Geral dos Tupinambás. Entre elas três despertam interesse: "Cajubá", formada por caa e jybá, que é traduzida como braço-de-mato; "Cayoabá", formada por coa-abá, nação do mato; e "Cuyabá", formada por cuia-abá, nação das cuias.

No seu Dicionário das Origens das Palavras, Luiz A. P. Victória nada trouxe de novidade:

"Cuiabá - Capital do Estado de Mato Grosso; o patomônimo Cuiabá, termo Bororo, vem de cuia-abá, gente caída. Dizem outros que se deriva da cuia, vasilha, e abá, criador, significando, pois, fazedor de cuias".

Na verdade, ainda não ocorreu uma preocupação maior quanto à origem da palavra Cuiabá. O Acadêmico João Moreira de Barros, em "Cuiabá e o seu Passado", dedicou quase uma página ao assunto, deixando, de propósito, várias indagações:

"E o nome Cuiabá, de onde veio? Há dúvida a respeito. Um dos homens mais cultos de Cuiabá, o Padre José Manoel de Siqueira, tem uma opinião respeitável. Vem de Cuuyabá, que significa "gente caída". Mas por que "gente caída?" "Que relação tem com um arraial que jorrava ouro por todos os lados?" Gerônimo Leite e Rubens de Mendonça não concordam. Aquela versão do português que deixou cair uma cuia que rodou no rio Cuiabá dizem do ele: "cuiá bái" ao invés de "cuiá vai", não nos parece digna de crédito. É muito ingênua. Diz-se também que Cuia-abá seria uma tribo indígena e significaria - o homem da farinha ou o farinheiro, menção feita por Rubens de Mendonça.

No nosso entender a origem mais provável seria da tribo indígena - Cuia-abá ou Cuiabases. Mas existiu essa tribo? Quem falou nela? Por que Antonio Pires de Campos ou Pascoal Moreira Cabral não "prearam cuiabases" ou invés de coxiponês?".

Quem primeiro navegou esse rio foi Antonio Pires de Campos. Já o disse Barboza de Sá. Mas foi ele quem deu esse nome ao rio? O certo é que já havia o nome Cuiabá, como já havia o Coxipó, este relacionado evidentemente com os coxiponês.

Creemos que alguém ainda deverá explicar plausivelmente a origem do nome Cuiabá. Como não nos propusemos a fazer história não pesquisamos como deveria fazer o historiador.

Em seu livro "Relembrações", o Acadêmico Antônio de Arruda faz um "Adendo" com o título "ORIGEM DO NOME CUIABÁ", cujo texto é o seguinte:

"Na "Literária" de 21 de agosto, o con frade João Moreira de Barros analisou algu mas hipóteses que têm sido aventadas sobre a origem do nome Cuiabá. A mais provável, segundo ele, é a que relaciona Cuiabá com a tribo indígena Cuiabases, versão que deixa dúvida por falta de provas da existência des sa tribo. João Moreira convocou os historia dores para desfazerem essa e outras dúvidas.

Não sou historiador, senão um leitor eventual de História, especialmente de His tória brasileira. Mas posso trazer, a res peito do assunto, o depoimento de Cesário Prado, aduzido em seu livro "Passeios pelo Passado". Discutia-se, na época, se a pala vra Cuiabá devia ser escrita com i ou com y. Parecia a Cesário Prado que a grafia cor reta era com y, a menos que se quisesse a ceitar a "insulsa anedota" da cuiá rodando, com as exclamações sucessivas do Índio e do galego: Cuiá ... bã (hipótese que João Morei ra também repele). Conta Cesário Prado que viu no pavilhão português da Exposição Na cional de 1922 um antigo mapa de possessões onde aparece em nossas imediações o territó rio dos "Cojabás". Houve, pois, aqui uma tri bo com o nome de Cojabás. Como a antiga gra fia portuguesa confundia o u com v e permu tava o j com o y, tem-se cojabá equivalente a Coyabá, Cuyabá. Assim, Cesário Prado apre sentava uma razão etimológica, para a grafi a do nome de nossa cidade com y (Passeios pe lo Passado, p. 191).

Sabemos que o problema ortográfico foi superado, mais tarde, com prevalência, no caso, do i sobre o y, mas a origem da pala vra ficou esclarecida. A versão lembrada por João Moreira (tribo Cuiabases) aproxima-se da de Cesário Prado, e esta tem a seu favor o registro do antigo mapa".

Em seu livro "Passeios pelo Passado", Cesário Prado levanta a hipótese de que o nome Cuiabá seja resul tado de uma evolução gráfica a partir de uma tribo de ín dios, que teria existido nas redondezas da Capital mato-grossense. Esta tribo seria a dos Cojabás, e a evolução gráfica por ele citada passaria por Cojabá, Coyabá e fi nalmente Cuiabá. Assim escreve Cesário Prado em "Passeios pelo Passado", a respeito do nome da Capital de Mato Gros so:

"Há uns tantos lustros andou pela im prensa uma questão sobre a grafia correta de Cuiabá. Com y ou com i, perguntavam os filólogos indígenas, os homens de bom gosto pelas picuinhas de ortografia. Sem querer levantar do pó tão inócua debate, parece-me mais acertada a escrita com y. Senão vejamos a origem do nome. Qual será? Conforme um a nedotário pueril, prende-se a um caso tão chué que cõro de repeti-lo neste modesto ro da-pé. Contam do índio que deixando escapar das mãos uma cuiá, em viagem de canoa, ex clamara aflito - Cuiá! Ao que retorquiria sem pesar, patrão minhoto, vendo correr â guas abaixo, o precioso utensílio: - Bã!

A adunção das duas exclamações veio a formar o nome da nossa cidade: como vêem, na

da mais reles e insulso, porém os que escre vem Cuiabá sem y talvez aceitem tal anedota e assim são coerentes com a etimologia

No pavilhão português da exposição na cional de 1922, deparei com um mapa de pos sessões onde as nossas imediações constavam com o nome-território dos Cojabás.

Eureka! Aí temos a explicação plausível. Assim como existem acolá os índios Cajabís, houve aqui um tribo com o nome de Cojabás. Como a antiga grafia lusitana confundia o u e o v, também permutava o j com o y, (compa re-se a pronúncia de ambas as letras últimas no espanhol e dialetos platinos, temos Coja bá equivalente a Coyabá, Cuyabá".

PESQUISA DEMORADA

Estas anotações, sem contar as não mencionadas por serem semelhantes, são resultado de uma pesquisa que este autor faz há mais de 15 anos. Nenhuma delas corre spondeu às expectativas, embora demonstrassem a boa-vonta de daqueles que as elaboraram. Mesmo assim, os registros foram sendo lançados ao longo dos anos. Alguns deles são até curiosos. No seu "Lêxico de Termos Vulgares Correntes no Brazil, Sobretudo no Estado de São Paulo e de Accep ções de Numerosos Vocábulos Ainda não Apontados nos Gran des Dicionários da Língua Portuguesa e Collecionados por ...", Affonso D'Escragnolle Taunay publicou na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo: "Cuya bana, s.f. - Pequena formiga que faz guerra de extermini o às saúvas e outras térmitas". Ou então, no "Pequeno Di cionário Enciclopédico Koogan Larousse": "Cuiabana, s.f. - Espécie de formiga da família dos camponotídeos". Ou também, no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portu guêsa - Ilustrado, de Aurélio Buarque de Holanda Ferrei ra, com a assistência de José Baptista da Luz: "Cuiabana (cuyabana), s.f. - (Bras.) Nome vulgar da formiga da fa mília dos Camponótidas (Prenolepis fulva). Ou ainda, na "Grande Enciclopédia Delta Larousse": "Cuiabá Paulista, v. (884 hab.) e dist. do Mun. de Mirante do Paranapanema (São Paulo)".

Observa-se, a propósito, nos dicionários, a pre ocupação de dizer apenas que Cuiabá é a Capital do Estado de Mato Grosso, sem entrar muito no aspecto da origem da palavra. Até mesmo em livros históricos observa-se tam bém este comportamento. Alguns autores mato-grossenses tentaram identificar essas origens. Quem mais se alongou sobre o assunto foi o dr. João Severiano da Fonseca, no seu livro "Viagem ao Redor do Brasil", resultado de via gem que ele realizou de 1875 a 1878.

EM BUSCA DA ORIGEM

Como era difícil aceitar as possíveis origens da palavra Cuiabá, o único recurso disponível foi pesqui sar. Afinal, os índios Cuiabases nunca existiram e isto está provado e comprovado. Se os índios que existiram em Cuiabá eram farinhaeros ou fazedores de farinha, isto não passa de uma cultura geral do índio brasileiro, que ainda se encontrava no estágio da mandioca, e não na do milho, mais evoluído. Então, todos os índios do Brasil teriam a designação de Cuiabá. E a tal da tese de gente caída não tem o mínimo sentido, pois o índio da região era aguerrido, não importando se era Bororo ou não. To dos sabem que os bandeirantes paulistas tiveram forte res sistência nos primeiros contatos. O próprio Pascoal Morei ra Cabral foi vítima das investidas dos índios que viviam às margens do Rio Coxipó. Também é frágil a tese de que Cuiabá tem origem no Bororo. Não há qualquer possibilida

de a respeito, pois está evidenciada a composição de pa lavras existentes no Tupi-Guarani. Nem mesmo a vincula ção do nome, inicialmente, ao Rio Cuiabá corresponde à realidade. Primeiro, porque o antigo nome do Rio Cuiabá era Ibiraty, também do Tupi-Guarani, a "madeira líquida" que descia em direção ao Sul, passando pelo Paraguai. Segundo, porque a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá nunca esteve localizada às margens do Rio Cuiabá. Dom Antônio Rolim de Moura Tavares, o primeiro capitão-general da Capitania de Mato Grosso, narra o percurso, que fez a cavalo, de onde o seu barco ancorou, no atual Baíro do Porto, até à vila propriamente dita. E, terceiro, porque os tres arraiais que existiram no atual Município de Cuiabá nada tiveram com o nome Cuiabá. Do Arraial de São Gonçalo, às margens do Rio Cuiabá, que na época deveria ser ainda Rio Ibiraty, os bandeirantes de Pascoal Moreira Cabral subiram o Rio Coxipô até ao local onde fundaram o Arraial de Forquilha, e finalmente se fixaram no Arraial do Bom Jesus, onde foram encontradas as Lavras do Sutil, nas proximidades da atual Igreja do Rosário. O Tupi era falado em quase todo o Brasil, notadamente em São Paulo. Os bandeirantes paulistas buscavam as regiões mais próximas de São Paulo, como é o caso do atual Paraguai, onde dominavam os jesuítas espanhóis, principalmente pelo interesse português. O Guarani é uma variação, uma espécie de dialeto, do Tupi. Por isto, os bandeirantes paulistas tiveram facilidade em aprender a nova língua. A identificação era tanto que muitos pesquisadores admitiram a existência de um Tupi-Guarani. Na sua consagrada obra "Glossaria Linguarum Brasiliensium", o naturalista alemão Carlos Frederico Philippe von Martius, quem melhor estudou as línguas indígenas da América do Sul, cita vocabulários de 68 dialetos brasileiros, quase todos oriundos do Tupi e do Guarani. Ainda segundo Martius, os índios brasileiros vieram dos planaltos dos Andes e foram subjugando outras tribos mais fracas. Os Guarani ficaram mais ao Sul, enquanto os Tupis avançaram em direção ao Norte do Brasil.

Referindo-se a estes índios oriundos dos Andes, o general José Vieira Couto de Magalhães, que foi o mais jovem governante de Mato Grosso, diz o seguinte no seu livro "O Selvagem":

"O nome com que essa nação ou raça é designada pelos escritores é o de tupi-guarani, nome que pouco importa, porque eles não formavam uma nação no sentido de um só governo, nem dos mesmos hábitos e costumes: o que havia de comum entre eles era a língua ou línguas, que evidentemente provinham de um só tronco, que não sabemos ainda hoje, com certeza, qual era, ou qual seja". O Tupi e o Guarani eram, sem sombra de dúvidas, línguas irmãs, e eram mais faladas em São Paulo, berço das Bandeiras que povoaram Mato Grosso".

Ainda citando a mesma obra do general José Vieira Couto de Magalhães:

"As línguas da humanidade são classificadas em três grandes divisões: 1.^a, monossilábicas; 2.^a, as de aglutinação; 3.^a, de flexão, que são como o português, o inglês e em geral as línguas da Europa, exceto o vasco. As línguas do antigo Pindorama (hoje Brasil) pertencem todas, segundo conjectura, à segunda classe, a da de aglutinação; em

todo o caso, é certo que o tupi e o guarani, que são as mais estudadas, são de aglutinação. Cada nome é uma descrição do objeto que representa, porque cada sílaba diz uma idéia." Cita vários exemplos, a começar pelo seguinte: "Acajuá ou caju, fruta conhecida de todos vós, decompõe-se assim: a, fruta; ju, amarela; aca, de chifre; ou fruta amarela de chifre, e aí está a descrição do caju".

Mais adiante ele explica melhor o que difere o Tupi do Guarani:

"Dissemos atrás que entre o tupi e o guarani há pequena diferença; contudo as duas línguas são diversas, e quem quiser traduzir nomes indígenas em português, deve verificar se pertencem a uma ou outra língua, porque, conquanto muitas das raízes sejam de significado idêntico, muitas são de diverso. É sabido que o latim e o grego são filhos do sânscrito; no entanto é sabido que o som sibilado do sânscrito passou para o grego, ora com o de h aspirado, ora com o de k, ao passo que para o latim como o de c cedilhado, igual a s.

O mesmo se dá entre o tupi e o guarani: o que é som de c cedilhado ou s passou para para o guarani com o de h aspirado; amar em tupi é: caiçú, em guarani haihú; ovo, em tupi pi, çupiá, em guarani hupiá; verbo ir, em tupi çô, em guarani ho, e assim por diante. Demais, o tupi conserva maior número de raízes monossilábicas do que o guarani; assim: onça ou pantera, em tupi jaguara, em guarani jaquá; a grande serpente anfíbia a que os naturalistas chamam anaconda, em tupi çama-se sicuri, em guarani curi; em tupi curupira, em guarani curupí".

ALIANÇA HISPANO-GUARANI

Existem registros históricos, ainda não devidamente comprovados, que tratam de uma expedição espanhola, oriunda do Perú, que esteve em Cuiabá por volta de 1650, antes, portanto, dos bandeirantes paulistas. Esta expedição teria saído do Peru, durante o governo de dom Tomas de Lezo, acompanhada de jesuítas espanhóis. O roteiro teria sido este: passagem pela Bolívia, desde a Estancia San Xavier, por terra, passando por um rio sem nome, atingindo a região do rio Baporé (possivelmente o atual Rio Guaporé, e novamente por terra atingiram o rio Juazo (talvez o atual Rio Jauru) indo até ao entroncamento deste rio com o Rio Paraguai. Daí, desceram o Rio Paraguai, e por ele chegaram ao entroncamento deste com o atual Rio Cuiabá, chegando à região onde hoje se encontra a Capitania de Mato Grosso. Pode ser uma idéia absurda, mas não impossível, pois existem condições para tanto. Afinal, foi o que fizeram, em sentido contrário, os bandeirantes paulistas. Além disto, não é segredo para ninguém que grande parte do povoamento do território brasileiro foi feito através do Planalto Central. Aí está a Chapada de Guimarães para comprovar isto com as suas inúmeras inscrições rupestres.

Mas, os espanhóis do Peru não foram os únicos que percorreram o Pantanal Mato-grossense antes das bandeiras paulistas. Em "1979 - Expansão Territorial do Brasil - Colonia no Vale do Paraguai (1757-1801)", o historiador Uacury Ribeiro de Assis Bastos revela:

"O mesmo tipo de miscigenação observa

do no Planalto de Piratininga existiu na vertente oriental do rio Paraguai, em região próxima ao paralelo de 25 graus de latitude sul, tendo como núcleo de irradiação demográfica Assunção. E se existiu uma aliança luso-tupi em território brasileiro o mesmo fenômeno se observou no Paraguai. Nesta área a miscigenação foi muito mais intensa e a aliança hispano-guaraní, em tudo por tudo semelhante àquela que se realizou em torno do núcleo populacional, cuja sede foi São Paulo. Houve um ciclo expansionista assunçenho de amplitude equivalente ao que se desenvolveu tendo São Paulo como base de partida. As expedições de Ayolas, Irala, Alvar Nuñez, todas elas contando com grandes contingentes de índios guaraní e penetrando profundamente no continente, a ponto de atingir a vertente amazônica, como a de Irala que percorreu trecho do Guaporé, foram precursoras daquelas que os paulistas realizaram no século XVII. O objetivo das incursões que partiram de Assunção — iniciadas por componentes da esquadra de Pedro de Mendoza — e prosseguidas pela população espanhola que se radicou próxima ao paralelo 25 graus ou por novos elementos humanos provenientes da Espanha — era atingir o reino do rei Branco ou do Paititi, onde se localizava a mítica serra de Prata.

DOMINAÇÃO MBAIÂNICA

Mais adiante, prossegue o historiador Uacury Ribeiro de Assis Bastos:

"A partir do século XVII os assunçenhos tiveram barradas suas possibilidades de penetração ao norte pela presença mbaiânica. A própria cidade de Assunção foi ameaçada de sossobrar sob os violentos ataques destes índios, que terminaram se assenhorando de ambas as margens do Rio Paraguai na região situada ao norte de Jejuí. A destruição da Província jesuítica dos Itatins, considerada pelos estudiosos do bandeirantismo como resultado das incursões paulistas, sofreu de maneira irreparável os ataques mbaiânicos que terminaram por desalojar definitivamente os jesuítas da região. É o período que se caracteriza pela expansão mbaiânica, resultante do uso de numerosa cavalaria, iniciado em 1667, e que tornou este grupo indígena respeitado por colonos pertencentes a Portugal e à Espanha".

O Vice-Reino do Prata passou, então, a sofrer sérias dificuldades na região do Chacó, obrigando a população paraguaia a viver em permanente prontidão. O período crucial da revolução dos "comuneros", quando estava mais ativa a luta entre jesuítas e colonos do Paraguai devido ao uso da mão-de-obra indígena, coincidiu com a descoberta do ouro das minas de Cuiabá. Segundo Uacury Ribeiro de Assis Bastos, "A presença da mão-de-obra africana nas minas de Cuiabá deu ao colono brasileiro maior flexibilidade no relacionamento com a população "indígena".

IMPEDIRAM O AVANÇO

Estes dados permitem que o pesquisador deduza: Os espanhóis radicados em Assunção não ocuparam o centro do continente sul-americano, onde hoje se encontra Cuiabá,

antes dos bandeirantes paulistas devido aos índios Mbaíás, que no exato momento histórico impediram um avanço em direção ao Norte da Bacia do Rio Paraguai. O historiador Uacury Ribeiro de Assis Bastos reforça esta argumentação:

"Nos primeiros séculos do período colonial paraguaio a fronteira dos infiéis é ampliada a partir do momento em que os mbaiás tornam-se possuidores de rebanhos cavaleiros e passam a ocupar territórios situados num e noutro lado do rio Paraguai. Estabeleceram desta forma verdadeiro bloqueio sobre o núcleo demográfico, surgido em torno de Assunção. Ameaçam a própria sobrevivência da cidade fundada por Juan de Salazar e impedem o progresso da colonização rumo ao Norte. Estabelecem um verdadeiro recuo na ocupação do território. A governação do Paraguai em seus primeiros séculos de existência permaneceu bloqueada pelos "bárbaros infiéis".

As incursões dos paulistas predadores de índios destruíram o sistema cuja montagem não se restabeleceu. Mas do abandono das regiões assoladas pelas rãzias dos mamelucos não decorreu a ocupação por estes. Neste caso a expansão não se caracterizou. As áreas permaneceram abandonadas.

A ocupação do vale do Paraguai por brasileiros e paraguaios na região situada ao Norte de Assunção ocorreu nas últimas décadas do Século XVIII e os móveis foram totalmente diversos daqueles que impulsionaram os paulistas no Século XVII. O primeiro núcleo demográfico brasileiro do vale do Paraguai, Cuiabá, data da segunda década do Século XVIII. Entre 1720 e 1773 a região compreendida entre o Taquari e o Jekuí permaneceu domínio dos mbaiás. Foi a partir do final do século XVIII que as duas áreas coloniais lutaram pelo domínio do rio Paraguai e pelo uso de sua navegação. Nesta luta a radicalização crescente fez com que os problemas fossem transferidos para o período nacional.

A solução do impasse entre o Brasil e o Paraguai, considerado por Aguirre, como possível de ser visto pelos "videntes dos últimos dias", só foi encontrado na luta armada. As raízes da Guerra do Paraguai são inequivocamente coloniais".

ELO DE LIGAÇÃO

Foi este Rio Paraguai o elo de ligação entre Assunção, o primeiro grande polo de expansão demográfica que existiu na América do Sul, e a região onde mais tarde despontaria como expressão maior o Arraial do Senhor Bom Jesus, mais tarde Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, hoje Cidade de Cuiabá, Capital de Mato Grosso. A região do Rio Paraguai é conhecida desde a primeira metade do Século XVI. Com exceção da "Carta do Milionésimo", este imenso vale formado pela fabulosa bacia hidrográfica do Rio Paraguai somente passou a ser estudado cientificamente a partir do Século XVIII, com maior expressão no Século XIX, quando exploradores, nacionais e estrangeiros, deram mais importância ao seu extremo Norte, onde Cuiabá funcionou como principal base dessas pesquisas. Entre os primeiros exploradores do Rio Paraguai podem ser apontados Alexandre Rodrigues Ferreira (que escreveu so

bre as grutas calcáreas existentes no histórico Forte de Coimbra), Félix Azara d'Orbigny (que escreveu "Descripción y Historia del Paraguay y del río de la Plata"), Francis Castelnau (que escreveu "Expedição às Regiões Centrais da América do Sul"), Joaquim José Ferreira e Ricardo Franco de Almeida Serra (que escreveram "Reflexões sobre a Capitania de Mato Grosso, Oferecidas ao Ilmo. Sr. João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres"), Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, que escreveu "Roteiro de Navegação do Rio Paraguay desde a Foz do S. Lourenço até o Paraná"), Hércules Florence (que escreveu "Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas, de 1825 a 1829"), Luiz D'Alincourt (que escreveu "Memória Sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá"), José Vieira Couto de Magalhães (que escreveu "O Selvagem"), João Severiano da Fonseca (que escreveu "Viagem ao Redor do Brasil"), Joaquim Ferreira Moutinho (que escreveu "Notícia Sobre a Província de Matto Grosso Seguida D'Um Roteiro de Viagem da sua Capital a S. Paulo"), mais recentemente Virgílio Corrêa Filho (que escreveu "Pantanaís Matogrossenses - Desenvolvimento e Ocupação") e Lécio Gomes de Souza (que aprofundou estes estudos com o seu livro "História de uma Região: Pantanal e Corumbá").

O Rio Paraguai nasce no Planalto dos Parecís (149 e 20' de Latitude Sul) e banha quatro países: Brasil, Paraguai, Bolívia e Argentina, com 1.097.000 quilômetros quadrados, que corresponde a uma superfície equivalente a um quarto de toda a Bacia do Prata. A região onde se encontram os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul corresponde ao Alto Paraguai, pois do Rio Apa à Ponta de Itapiru (47 quilômetros ao Sul de Assunção) está a região do Médio Paraguai, ficando o Baixo Paraguai daí até a confluência com os dois grandes rios formadores da Bacia do Prata. O primeiro nome do Rio Paraguai era Paiaguá ou dos Paiaguás, de origem guaraní como Ibiraty foi o primeiro nome do Rio Cuiabá.

Voltando a citar o historiador Uacury Ribeiro de Assis Bastos, ele assim se refere ao Rio Cuiabá, no contexto da Bacia do Rio Paraguai, no seu livro "1979 - Expansão Territorial do Brasil Colônia no Vale do Paraguai":

"O Rio Cuiabá, cujas nascentes estão situadas em área da qual vertem águas para a Bacia Amazônica, a Noroeste da cidade que lhe empresta o nome, celebrou-se desde o primeiro quartel do Século XVIII, quando da descoberta do ouro em trechos de sua bacia. O vale possui terrenos de formações geológicas distintas. A pequena distância da cidade estende-se o vale do Cuiabá, em planície aluvional de grande fertilidade, cujas terras foram aproveitadas desde o Século XVIII, para implantação duma agricultura que supria as necessidades dos mineradores. Após sua junção com o São Lourenço adquire maior largura e acréscimo acentuado de seu débito. Durante o período das inundações, as águas sobem à região compreendida entre este rio e o Taquari".

VISITAS ANTERIORES

O episódio dos dois índios que, ao invés de mel, trouxeram ouro para Miguel Sutil, em outubro de 1722, conforme narração do primeiro cronista cuiabano Joseph Barboza de Sá em "Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de Seus Princípios Thê os Presentes Tempos", é significativo. Aqueles dois índios trouxeram ouro porque em oportunidades anteriores outras pessoas, antes dos Bandeirantes paulistas, aqui estiveram e gostaram do ouro

que encontraram. Existem registros de presença em Cuiabá dos jesuítas espanhóis tanto do Peru, cujo governador, Dom Tomas de Lezo, julgava ter domínio administrativo sobre esta região, como do Paraguai, com as facilidades proporcionadas pela rica bacia hidrográfica que liga Assunção, até hoje, com esta parte de Mato Grosso. O acesso rodoviário de Cuiabá ao Oceano Pacífico, através da Bolívia e do Peru, será realidade dentro em breve, pois os governos dos tres países se empenham na busca uma urgente solução, que até certo ponto não é tão difícil. Este acesso sempre foi viável, com a utilização de rios e trechos de terra. Contudo, em termos de Assunção o Rio Paraguai sempre foi caminho fácil e francamente utilizável, mesmo nos períodos de grandes inundações do Rio Paraguai. Por isto, os jesuítas espanhóis estabelecidos em Assunção não se descuidaram da região Norte da Bacia do Rio Paraguai e aqui deveriam vir com frequência, pois eram terras e águas da Espanha até a chegada dos Bandeirantes paulistas, que mudaram o rumo da História do que se transformou em Estado de Mato Grosso.

No Século XVIII, este processo de ocupação pelos jesuítas espanhóis foi interrompido, pois entre a foz do Rio Taquari e a foz do Rio Ipanê, dominaram os índios Paiaguás, Guató, Guanás, e até mesmo pelos Guaicurus. As suas canoas, no entanto, iam bem mais à frente, chegando com facilidade ao Vale do Rio Cuiabá, que pode ter sido interpretado como a nascente da Lagoa de Xaraiés, do Mar de Xaraiés, o Pantanal Mato-grossense de agora.

Os Paiaguás, os Guaicurus, os Cadiueus, os Guachís, os Tobas, os Mokovis e Abipons eram tribos de "fala guaicuru", que se reuniam em uma mesma família linguística, denominada "Mbaya". Dessas tribos, duas se destacaram: a dos Paiaguás, que se notabilizou pelos seus índios canoeiros, e a dos Guaicurus, pelos seus índios caçadores. Os índios Paiaguás e Guaicurus eram nômades e dominaram o Pantanal Mato-grossense entre 1720 e 1773, impedindo o avanço das correntes colonizadoras de Assunção e dificultando sobremaneira a ação dos Bandeirantes paulistas. Este período foi decisivo para a definição histórica de Cuiabá.

Em busca da Serra dos Martírios, o bandeirante Antonio Pires de Campos conduziu o seu companheiro Pascoal Moreira Cabral para o arraial que construiu no atual Bairro de São Gonçalo, na foz do Coxipó-da-Ponte de hoje. Por sua vez, Pascoal Moreira Cabral rumou em direção do futuro arraial de Forquilha, que mais tarde foi desativado com a descoberta do ouro nas Lavras do Sutil, a grande descoberta de Miguel Sutil, que logo se transformou em Arraial do Senhor Bom Jesus, às margens do extinto Corrego da Prainha, hoje Avenida da Prainha, ou Avenida Tenente-Coronel Duarte. O Rio Cuiabá permaneceu distante por muito tempo, de onde se deduz que o nome Cuiabá foi dado primeiro à região e depois ao rio, e finalmente à Vila Real.

Desde 1524 os portugueses marcavam a sua presença em terras mato-grossenses. Isto aconteceu com a chegada da bandeira chefiada por Aleixo Garcia, que partiu de São Vicente rumo a Oeste, em busca de fabulosas riquezas. Em "Histórias da Terra Matogrossense", o historiador J. Barbosa Rodrigues afirma:

"Dizem as crônicas antigas que Aleixo Garcia, acompanhado de meia dúzia de patrícios, comandando um grande número de índios guaranis, rumou em direção ao poente, à procura da famosa "Sierra de La Plata" que os índios diziam existir lá para os lados em que o Sol se punha. Transposta a Bacia do Paraná, a bandeira de Aleixo Garcia, movida pela cobiça de assenhorear-se de fabulosos

tesouros de prata, cruza o Planalto de Maracaju, o divisor de águas, e desce pelo Mbotetey (nome com que os indígenas designavam o atual Rio Miranda) até a foz do Rio Paraguai, onde um verdadeiro exército de aproximadamente dois mil guaranis se atrelava à sua caravana".

Aleixo Garcia chegou ao Peru, recolheu grandes riquezas e regressou à Bacia do Paraguai, mas foi trucidado pelos índios Paiaguás ou pelos próprios índios guaranis que se rebelaram. Aleixo Garcia serviu de estímulo para outras entradas, desta feita pelos espanhóis Gabeza de Vaca e Sebastião Caboto. Estes pioneiros se anteciparam aos Bandeirantes paulistas no coração da América do Sul.

A EXPANSÃO GUARANI

Os índios guaranis conheciam várias regiões da América do Sul. Muito antes dos intrépidos portugueses e espanhóis, das entradas e bandeiras, os guaranis iam a pontos distantes desta parte do continente americano, não importando se existiam rios ou não. Não se pode afirmar que os índios guaranis tenham chegado a Cuiabá, na sua configuração geográfica de agora, mas não se pode duvidar que tenham chegado a esta região. Da mesma maneira que os Bororos vieram pela Bolívia, os Guató, Guanás e outros grupos indígenas aqui chegaram pelo Paraguai, aproveitando as facilidades dos rios Paraguai, Cuiabá e São Lourenço.

Assunção antecipou-se a São Paulo e foi o primeiro polo de expansão geográfica na América do Sul. Se a

partir do Século XVII os Mbayas (os Guaicurus, principalmente) não tivessem impedido o avanço dos indígenas e dos jesuítas de Assunção rumo ao Norte, talvez fosse diferente a História desta parte do continente americano. A expansão mbaiana teve início em 1667, quando surgiu o índio cavaleiro no Pantanal Mato-grossense, e se transformou num verdadeiro domínio territorial entre os anos de 1720 e 1773, isolando Assunção. Isto possibilitou o avanço das bandeiras paulistas, mas os índios Paiaguás aqui estavam para tudo fazer contra a presença paulista em Cuiabá.

A influência assuncenense, com ou sem a dominação mbaiana, já estava consolidada no Pantanal mato-grossense onde a sua escassa e espalhada população falava línguas de origem tupi-guaraní, o mesmo acontecendo com os bandeirantes paulistas que aqui chegaram. Por isto, dificilmente será superada a presente hipótese de que Cuiabá é origem guaraní, sendo um topônimo para nominar esta vasta região do Pantanal Mato-grossense, mais precisamente: vale dos índios das águas, ou atualizando, pantanal mato-grossense. Quã, cuã, Kuã - baía, porto, planície, enseada, vale; y - água; e abá ou avá - índio. A região do Pantanal é realmente uma imensa planície e o Rio Cuiabá percorre um extenso vale. Os índios guaranis não conheciam os acidentes geográficos ao modo dos civilizados, mas sabiam descrever as regiões designadas com os seus topônimos. Se muitos já apresentaram as suas hipóteses sobre a origem do nome Cuiabá, cabe-me, também, o direito de fazer o mesmo. E isto foi feito após anos de incansável pesquisa, vasculhando todas as fontes possíveis e imagináveis.

Padre Luiz Ghisoni

Conclusão da página 2

ponho, seria seu maior desejo: que eu voltasse a frequentar a Igreja.

De qualquer modo, apesar desses pequenos desencontros, nossa convivência foi sempre amistosa. E até, em um daqueles anos, fui convidado por Licínio Monteiro da Silva para saudar o Padre Luiz, em seu onomástico. Não escrevi o discurso que então pronunciei, perante a comunidade católica do Porto, mas lembro-me de alguns de seus tópicos.

Comecei dizendo que, naquele dia, coube o singular privilégio de homenagear o pároco ao mais pecador de seus paroquianos. Citei a seguir o Padre Antonio Vieira, em um de seus mais famosos sermões, que teve por epígrafe a sentença de Cristo que está em S. Lucas: - "Passará o céu e a terra mas o que dizem as minhas palavras não passará". Tudo passa e nada passa, afirmava o Padre Vieira: Tudo passa para a vida mas nada passa para a conta que todos deveremos prestar, no dia do Juízo. Lembrei que Vieira enumerava as coisas que passaram, desde o paraíso terrestre após a desobediência, até os Impérios, os exércitos e seus guerreiros. Vejam, acrescentava Vieira, as 7 Maravilhas do Mundo, que alguns dizem que eram 8: as pirâmides do Egito, os muros de Babilônia, a torre de Faros, o colosso de Rodas, o mausoléu de Cária, o templo

de Diana Efesina, o simulacro de Júpiter, o anfiteatro romano. Mas a 8ª maravilha, ou 9ª, é que todas essas maravilhas passaram, todas elas se acabaram. Pois tudo passa para a vida e nada passa para a conta. Lembrei também que Vieira mencionava a responsabilidade pessoal de cada um por seus atos, mas com destaque para a responsabilidade dos que tinham sob sua guarda espiritual outras pessoas, como os sacerdotes: estes respondiam não só pelos seus próprios atos como por sua omissão quanto aos atos das pessoas pelas quais lhes incumbem zelar.

Feito esse intróito, passei a analisar a atuação do Padre Luiz, na paróquia, seu zelo apostólico, sua dedicação à Igreja e aos seus paroquianos. Pois, se há por aqui alguém cuja alma não se poderá salvar (era uma alusão a mim mesmo) não será por culpa do Padre Luiz, que está sempre vigilante, levando a todos seu afeto e seus conselhos.

Anos depois, o Padre Luiz ainda se lembrava desse discurso, especialmente na parte relativa à responsabilidade dos prelados para com a salvação de suas ovelhas, conforme a lição de Vieira, a qual, segundo creio, lhe passara despercebida até então. Espero que, pelo menos, esse discurso me tenha redimido um pouco das contrariedades que causei ao meu dileto amigo, em matéria de fé religiosa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO



NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL - NDIHR